

Mamma!

Vila Matarazzo, avenida Paulista, 83, três da tarde de 10 de fevereiro de 1937, Quarta-Feira de Cinzas. Depois de dois dias sem contato com o meio, em coma urêmico, o conde Francesco Antonio Matarazzo diz “*Mamma!*”, fecha os olhos de furar futuro e emigra deste mundo. Falência renal. O clã Matarazzo perde o patriarca, o chefe dos chefes, o ídolo.

Completaria 83 anos no mês seguinte. Deixa viúva, onze dos treze filhos — Ermelino e Claudia partiram antes —, mais de trinta netos e dez bisnetos, nome e fortuna míticos, amealhada em 55 anos de trabalho duro no país. Deixa ainda título nobiliárquico e guerra de herdeiros que não terá fim. Seu testamento e sucessão vão dar o que falar até o milênio seguinte.

Nada devia, tinha uma cordilheira de bens. Alguns na Itália e outros países, quase todos no Brasil. Em São Paulo, Paraná, Minas, do Nordeste ao Rio Grande do Sul. Centenas de fábricas; hidrelé-

tricas; ferrovias; navegação de cabotagem e transoceânica; doca no porto de Santos (SP) e presença dominante nos trapiches de Antonina (PR) e outros; ampla rede de comércio internacional e doméstico; casa bancária; milhares de terrenos urbanos e edificações; vastas fazendas em São Paulo e outros estados; ramificações industriais ou comerciais na Argentina, Estados Unidos, Europa. E muito mais.

Partindo de quase nada, criou longo ciclo de opulência e esplendor. Na voz admirada do povo, era sinônimo de riqueza, viciado em trabalho, bom patrão e dono de mais de 365 fábricas Brasil afora. Se quisesse, poderia visitar uma por dia, durante um ano, sem repetir.

Já em 1920 era o italiano mais rico do mundo. O fato foi destacado e registrado em Roma, no Parlamento, pelo jurista e político Vittorio Emanuele Orlando, presidente do Conselho de Ministros de outubro de 1917 até junho de 1919.

Qual o valor da fortuna deixada? Ninguém sabe a resposta exata. Fascinado pela saga da família, o experto em empresas Guilherme Cirne de Toledo, que na década de 1970 trabalhou nas IRFM, mergulhou na análise de seus balanços e relatórios, com foco nos de 1911 a 1937. Descobriu que o inventário só terminou em 1947 e que o patrimônio foi avaliado em US\$ 100 milhões. No início do decênio de 1990, resolveu atualizar os valores. Todos os dados à mão, fez as contas. Corrigiu tudo pela inflação norte-americana, acrescentou juros de longo prazo de Primeiro Mundo. Resultado: muito mais de US\$ 10 bilhões.¹

UM ÍMÃ

Referência de imigrante de sucesso, celebridade brasileira. Atração na São Paulo das primeiras décadas do século XX. Pais levavam os filhos à avenida Paulista, diante da Vila Matarazzo, para vê-lo entrar ou sair a bordo de sóbrio Rolls-Royce, de reluzente Packard, ou então passear na calçada, no começo da noite, assoprando grossas nuvenzinhas de fumaça quase azul, extraídas do inseparável charuto

toscano. “Eu vi o conde Matarazzo!”, dizia-se com entusiasmo. Poder, fama, carisma e também cuidado e habilidade com a imagem pública.

Para os imigrantes italianos, era tudo isso e ainda motivo de orgulho, modelo e símbolo de sucesso e patriotismo. Seu império econômico faturava muito mais do que a receita de qualquer estado, exceto São Paulo. “Está pensando que eu sou o Matarazzo?”, dizia quem achava alguma coisa cara ou dispensável.

Pensava grande, enxergava longe, olhava o quadro inteiro. Tinha a volúpia dos negócios, divertia-se na competição. Saiu em 1881 da Itália em crise para fazer a América. Fez e ajudou a fazer São Paulo e o Brasil. De mascate que zanzava pelas fazendas de Sorocaba no final do Império a mito da industrialização, principal empreendedor da República, criador e chefe do maior e mais diversificado conglomerado empresarial da América Latina. Único ranqueado entre os maiores do planeta, com presença e atuação no país inteiro e no exterior.

Um ímã de admirações. Por exemplo: em “Um permanente *rush* para cima”, de março de 1934, Monteiro Lobato compara-o a Henry Ford e conclui:

Entre nós, na actualidade, não conheço exemplo de victoria mais incisiva, mais nítida, mais incoercível que a desse homem de olhos penetrantes como verruma e que vêem mais depressa e mais certo que os olhos do commum dos seus contemporaneos.

Para o criador e líder da gigante Votorantim, Antonio Pereira Ignácio, em declaração de 1919, é o “Príncipe da Indústria Paulista”. Seu neto Antônio Ermírio de Moraes não será menos enfático, oitenta anos depois: “Temos de tirar o chapéu para o conde Matarazzo”.

Muita riqueza, delicadeza e simpatia também. Poucas pancadas, chuvas de elogios. Chatô, criador e demolidor de mitos e reputações, jornalista brilhante e empresário audacioso e dinâmico, fazia as duas coisas. Mordia, assoprava, mordida. Quando contra-

riado, batia sem dó. Como em fevereiro de 1929, quando inoculou o veneno de deliciosa ironia em Washington Luís, presidente da República, e também em Matarazzo, que o havia elogiado num discurso:

O senhor Matarazzo constitui, nos círculos industriais de São Paulo, uma das amizades mais vibrantes do presidente da República. O chefe do grupo das Indústrias Reunidas F. Matarazzo foi, há pouco tempo, orador de uma manifestação ao chefe da nação e, no discurso que pronunciou, o velho industrial italiano teve o gênio de demonstrar que descobriu no Brasil uma coisa mais difícil e mais rara do que o ouro que o enriqueceu: o conde Matarazzo descobriu a centelha da inteligência no senhor Washington Luís. E, malgrado a pouca autoridade desse bandeirante de ouro intelectual, o venerando estadista fluminense ficou deslumbrado da descoberta.²

De bem, produzia maravilhas. Destacava a grandiosidade da Matarazzo, louvava o conde como grande e altíssimo exemplo para a mocidade do Brasil, um capitão de indústria que aos oitenta anos de idade trabalhava quatorze horas por dia. Que se levantava de madrugada, às cinco e meia fazia visita e fiscalizava o trabalho na primeira fábrica e era o último a sair do escritório, às oito horas da noite, com o porteiro. Trecho de seu artigo “O Estado Matarazzo”, do início de 1934:

Há um novo Estado brasileiro. Entre as vinte unidades da Federação e mais o Districto Federal e o território do Acre, existe um Estado economicamente quasi tão rico como São Paulo, e mais rico, como riqueza produzida, do que o erário do Districto Federal, o de Minas ou do Rio Grande do Sul. Quero falar do Estado Matarazzo, que não se localiza felizmente só nas lindes de Piratininga, pois que abrange a geographia econômica de todo o Brasil.³

O historiador Warren Dean, autor do clássico *A industrialização de São Paulo*, concluiu que Matarazzo era mais bem conceituado que a maioria dos industriais. Por quê? Responde que é pela maneira como dirigia os negócios e por ser, em todos os sentidos, um homem extremamente encantador. Aponta-o como o mais bem-sucedido e loquaz dos industriais imigrantes, o mais arguto e experiente. Credita-lhe a criação do maior complexo industrial da América do Sul. Conta que desarmava os conhecidos, os homens de negócios e a própria imprensa hostil com sua camaradagem, modos simples e habilidade em depreciar-se quando achava necessário. Que não guardava rancor e se divertia muito nas brigas com Pinotti Gamba, Martinelli e outros grandes empresários pioneiros. Relata ainda que o técnico inglês Donald H. Rust ia encontrá-lo na cama, às quatro da manhã, já fumando charuto, lendo catálogos de máquinas e sonhando com empreendimentos ainda maiores.⁴

E agora Rubem Braga, sabiá da crônica. Pétalas de “O conde e o passarinho”, de 1935, flor que deu título a seu primeiro livro, lançado no ano seguinte:

Acontece que o conde Matarazzo estava passeando pelo parque. O conde Matarazzo é um conde muito velho, que tem muitas fábricas. Tem também muitas honras. Uma delas consiste em uma preciosa medalhinha de ouro que o conde exibia à lapela, amarrada a uma fitinha. Era uma condecoração. Ora, aconteceu também um passarinho. No parque havia um passarinho. E esses dois personagens — o conde e o passarinho — foram os únicos da singular história narrada pelo “Diário de São Paulo”. [...] Ora, o conde estava passeando e veio o passarinho. O conde desejou ser que nem o seu patrício, o outro Francisco, o Francisco da Umbria, para conversar com o passarinho. Mas não era o Santo Francisco de Assis, era apenas o conde Francisco Matarazzo. Porém, ficou encantado ao reparar que o passarinho voava para ele. O conde ergueu as mãos, feito uma criança, feito um santo. Mas não eram mãos de criança nem de santo, eram mãos de conde industrial. O passarinho desviou e se dirigiu firme para o

peito do conde. Ia bicar seu coração? Não, ele não era um bicho grande de bico forte, não era, por exemplo, um urubu, era apenas um passarinho. Bicou a fitinha, puxou, saiu voando com a fitinha e com a medalha. O conde ficou muito aborrecido, achou muita graça. Ora essa! Que passarinho mais esquisito!

CAROS AMIGOS

Ousado nos negócios e empreendimentos, o conde era geralmente discreto e cauteloso na política. Tinha horror ao comunismo. Sonhou com o renascimento da grandeza de Roma, cooperou financeiramente com o governo de Mussolini, a quem admirava. Mas não queria a tempestade fascista perto de suas empresas e negócios: havia muitas outras coisas em jogo. O governo brasileiro, por exemplo. Ou o interesse das IRFM em intensificar a vinda de imigrantes italianos para o Brasil, ameaçada pela política de Mussolini. Trecho de entrevista de janeiro de 1925:

Conversei uma vez com Mussolini. É um homem de aspecto rígido, severo. Na intimidade, é o mesmo que na vida pública. De resto, muito inteligente e dono de profunda visão prática das coisas. Sou, como já disse, contrário a qualquer campanha ou agitação fascista no Brasil. Isso só resultaria em contrariedade. A nossa atitude deve ser a seguinte: trabalhar, trabalhar muito, apenas trabalhar. Lembremos-nos de que São Paulo é a província do mundo que mais exporta em relação ao seu coeficiente populacional. Lembremos-nos de que vivemos em uma terra bendita, onde tanto nasce o algodão como figos melhores que os da Calábria; em uma terra que não é só orgulho de toda a América; uma terra, finalmente, que possui todos os climas, uma população forte, saudável e corajosa que não tem necessidade de viver senão em paz e tranqüilidade.⁵

Francesco Matarazzo chegou, viu, ficou, gostou, venceu dentro e fora do Brasil. Seu lema: *Fides-Honor-Labor*. Fé-Honra-Trabalho.

Homem cativante, simples e discreto, alegre, espirituoso. É assim que Matarazzo geralmente aparece nos testemunhos e registros. Gostava de conviver, divertia-se e divertia. Há pilhas de episódios.

Certa vez, um grande industrial carioca agendou encontro com ele em São Paulo, mas não apareceu. Horas depois, telegrama urgentíssimo: “Desculpe-me, senhor conde. Perdi o trem de ontem à noite. Peço-lhe o obséquio de marcar novo encontro para amanhã. Partirei hoje mesma hora”. Resposta: “Encontro confirmado. Permito-me lembrar caro amigo que se partir mesma hora perderá de novo o trem. Boa viagem. Abraço, F. Matarazzo”.

O que destacava o empreendedor Matarazzo em si mesmo? Sempre prático e conciso, fingia depreciar-se, mas deixava transparecer consciência e orgulho da prodigiosa intuição para negócios. Como nestes trechos de entrevista de 9 março de 1934:

Eu não estudei nada. Sou um ignorante. Os senhores é que sabem. [...] Durante cinquenta anos sempre tenho acertado. Muitos têm trabalhado commigo: elles ficam com o dinheiro e eu me contento com a experiência.

Simple, franco e discreto, não falava muito e costumava trabalhar de sol a sol. Às vezes noite adentro. Um dos pontos mais fortes: decidia bem e depressa. “Sempre tenho acertado logo no meu primeiro modo de ver um negócio.”⁶

Não cuidou só de negócios. Fez e manteve hospitais, doou muito dinheiro para obras sociais. Nas palavras do economista Roberto de Oliveira Campos, foi um dos raros monges capitalistas do Brasil. Fez filantropia significativa desde os tempos de Sorocaba até o final da vida. Tinha polpuda dotação para obras e ações beneficentes nos orçamentos anuais das IRFM. A de 1935, por exemplo, passou de oitocentos contos de réis, quantia vultosa.

Cuidava muito das amizades, inclusive fora do mundo dos negócios. Por exemplo: era muito ligado ao papa Pio XI, ao gênio italiano Guglielmo Marconi, ao escritor Monteiro Lobato, ao presidente Washington Luís, derrubado pela Revolução de 1930.

A CHAVE DE TUDO

Mesmo depois dos oitenta anos, gostava de visitar pelo menos uma fábrica por dia. Em meados de 1934, vai à Tecelagem Sant'Anna, de juta, em São Paulo. Às seis e meia da manhã, o fiel motorista Ferruccio pára a limusine em frente à entrada principal e abre a porta traseira. O velho desce sorridente. Tinha acordado por volta das quatro. Bem barbeado, terno escuro impecável, sapatos pretos e polaina, gravata sóbria, chapéu, bengala na mão, charuto toscano enfiado no bolsinho superior do paletó. Cumprimenta o pessoal que o esperava, todos amigos de muito tempo, conterrâneos velhos de guerra. Entra, aponta a bengala para a estreita, comprida e empinada escada metálica em caracol e segue em frente, animadíssimo. Havia avisado que o elevador estava com defeito. Sorridente, o gerente informa que tinham conseguido consertá-lo durante a noite.

Aliviado, um simpático napolitano da mesma idade de Matarazzo, cabeça branquíssima, fala enrolada, agradece a Deus:

— *Grazie a Dio! Não posso mais com escadas. Já entrei na velhice, senhor conde.*

— *Parabéns, meu amigo! Tenho muita esperança e nenhuma pressa de um dia alcançá-la também.*

— *O senhor tem medo de envelhecer?*

— *Não. Tenho medo é de não envelhecer.*

São Paulo, fevereiro de 2001. Aos 86 anos, o conde Ferdinando Giuseppe Matarazzo rememora conversa de março de 1934 com o legendário avô e patrão, então com oitenta anos.

- *Como o senhor conseguiu fazer tudo isso, vovô?*
— *Alguma inteligência, certa capacidade gerencial, muito trabalho e sorte.*

Lembrança consistente com declarações anteriores. Por exemplo: em Buenos Aires, janeiro de 1922, perguntaram como havia iniciado e desenvolvido seu gigante industrial e a imensa fortuna. Resposta:

- *Como fiz? Trabalhei. Desde o início, sempre. E confiei nos técnicos, nos especialistas, preocupado sobretudo em adotar nos meus estabelecimentos os sistemas mais modernos, as máquinas mais perfeitas.*
— *Nada mais?*
— *Nunca fiquei preso ao já feito, ao já experimentado. Não sou um técnico. As minhas fábricas são muitas, a produção diversificada. Cuidei que todas respondessem aos objetivos e que cada qual, na própria especialidade, estivesse entre as melhores do gênero. Tive o prazer de receber, não faz muito, nos meus estabelecimentos, a visita de uma comissão de industriais dos Estados Unidos, trazida ao Brasil propositalmente para estudar uma das minhas fábricas que tem potência maior que a similar norte-americana. Devo dizer que se foram sinceramente satisfeitos com o que viram. Isso é tudo. A boa vontade constante, um pouco de sorte e eis o resultado. Mas não há necessidade de exagerar: dinheiro e consciência se prestam a todas as medidas...⁷*

Inteligência, a chave de tudo. Na visão e na ação. No mundo dos negócios, no viver e no fazer, na convivência e relacionamentos, na presença de espírito. Segue episódio emblemático.

Voltando da Europa em 1923, a bordo do *Conte Verde*, o conde certa noite se atrasou para o jantar. Restaurante cheio, só havia um lugar vago, ao lado de um senhor intratável e de olho maior do que a barriga. Problema sem solução, solucionado está. Rei da paciência, vai em frente, cumprimenta o homem, pede licença

e senta. O garçom traz uma bandeja com a atração principal: trutas assadas. Eram as duas últimas, uma graúda e outra miúda. Matarazzo fisga a grandona com o garfo e põe no prato. O guloso se irrita:

- *Que falta de educação! Você pegou a maior!*
- *Qual delas o senhor teria tirado?*
- *A menor, claro!*
- *Então?! Deixei a que o senhor queria.*

LUTO E SAUDADE

De novo a tristeza. Da certidão de óbito:

Sexo masculino, cor branca, natural da Itália, 83 anos de idade, casado com Filomena Matarazzo, de cujo consórcio existem os filhos seguintes: José, André, Therezina, Mariangela, Attilio, Carmela, Lydia, Olga, Ida, Francisco e Eduardo, maiores de idade. Deixou bens, tendo feito testamento, filho de Costabile Matarazzo e de dona Mariangela Jovane, ocorrido no dia 10 de fevereiro de 1937, às 15 horas, no prédio 83 da avenida Paulista, neste distrito, vitimado por insuficiência renal, uremia, conforme atestado do Dr. Carlos Moreira, que ficou arquivado neste cartório.

Quis ser sepultado em São Paulo. Tornara isso público no final de 1926, durante discurso de saudação ao presidente Washington Luís, sob latina emoção: “Quero dormir o derradeiro sono no Brasil”. Por quê? Disse que podia renunciar à vontade de ser enterado na terra de nascimento, porque amava profundamente a Itália, pátria de seus ascendentes, mas igualmente o Brasil, terra de nove de seus treze filhos. Palavras dele em fevereiro de 1934:

Se gosto do Brasil? Está aí uma pergunta que poderia responder com o meu passado. Aqui vivi, fiz-me industrial, criei os meus filhos, dei a esta terra todo o vigor dos meus braços, da

Mamma!

minha inteligência. Tenho uma confissão a fazer: este país é tão bom, o seu clima tão benéfico, que, se não fosse um acidente que vitimou o meu filho Ermelino em Turim, eu poderia dizer que jamais experimentara a sensação do luto e da saudade pela perda de pessoa de minha família. Meus filhos são fortes e bons. E as gerações de netos e bisnetos estão se criando com a mesma seiva e o mesmo vigor.⁸

Perda de Ermelino: dor que não passou. Era o primeiro filho brasileiro e o sucessor escolhido, anunciado, amplamente testado e aprovado no comando da gigante empresarial. Substituto do pai durante toda a Primeira Guerra Mundial, soube aproveitar as circunstâncias para manter a disparada de crescimento do grupo e otimizar resultados. O faturamento quase dobrou.

Morte inesperada. Algo no conde parecia sinalizar que era eterno. Agia e era visto como se fosse permanente. Pela família e nas IRFM, sua principal criação. Apesar da idade avançada, continuava lúcido, trabalhando com entusiasmo e exagero. Dele, três anos antes:

Aconselharam-me a que trabalhasse menos, para prolongar mais a vida. O trabalho, porém, para mim, tem sido um tônico milagroso, que me conserva a existência. Tenho notado que, dos meus amigos, os que trabalham menos são justamente os que morrem mais cedo.⁹

Tarde de 11 de fevereiro de 1937, quinta-feira. São Paulo pára para levar o mito da industrialização, da riqueza e da imigração de sucesso ao cemitério da Consolação. Mais de cem mil dos 1,2 milhão de habitantes da cidade. Muito pesar e saudade, vasta repercussão no exterior.

A família recebe um ror de manifestações de compaixão, algumas comoventes de doer.

Foto das páginas seguintes:
Morte de Matarazzo pára São Paulo.

FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL